

ALFABETIZAÇÃO

CECÍLIA MEIRELES

Quando uma pessoa de boa vontade pensa em fazer bem ao Brasil, não é raro que se lembre da alfabetização nacional.

Quem não ouviu já citar cifras tenebrosas sobre os nossos iletrados? E todos os males parecem decorrer desses milhões de pessoas que não aprenderam ainda a distinguir o a do b.

Quando a convicção chega a um ponto verdadeiramente empolgante, a pessoa de boa vontade pode adquirir todas as cartilhas de todos os autores que se encontram no mercado, e sair por aí afora distribuindo-as, com a sincera intenção de estar produzindo obra imortal.

Quando a convicção ainda sobe mais de nível, a pessoa de boa vontade junta à cartilha um caderno, um lápis e uma tabuada. Então sua consciência deve ficar tranqüila. Eu aconselharia que juntasse um pacote de balas, para suavizar. Balas de açúcar, evidentemente. Mas a minha opinião e o meu conselho têm uma importância muito relativa... Eu gosto muito de pensar nessas distribuições, porque, elas são completamente inúteis para o que se destinam, mas o inútil, o gratuito é, afinal de contas, o que há de verdadeiramente poético e inspirador da vida.

O lápis é um pouco perigoso, porque a criança pode furar com ele seus olhos, ou os do vizinho, o que seria uma cena lamentavelmente educativa, e trágica, dada a raridade de postos médicos no interior. Mas o caderno, o livro, e a tabuada são profundamente interessantes, imaginados de longe, transformados em papagaios, subindo para o céu até encontrarem as estrelas, ou convertidos em barquinhos, descendo, cheios de graça as águas sempre azuis dos nossos rios (talvez para contentar mais os petizes, fosse aconselhável, portanto, juntar uns rolos de barbantes e uns vidros de goma-arábica à distribuição). Dou, portanto, todo o meu apoio moral para que as distribuições continuem; e os senhores me desculpem se não me comprometo com o apoio financeiro, porque são tantas, segundo as estatísticas, as crianças necessitadas, que, mesmo se eu desse tudo que tenho, não melhoraria muito a situação.

Dou meu apoio moral para que as ditribuições continuem, contanto que o material seja utilizado para o fim que



sugiro, o qual, salvo intervenções indébitas, é o mais natural, o mais agradável, o mais aconselhável, e o único de importância, no caso.

Mas as pessoas que fazem a distribuição talvez não penssem como eu. Talvez não gostem do meu pensamento, demasiadamente poético e pueril. Humildemente lhes apresento as minhas desculpas, e passo a tratar da seriedade da alfabetização.

A alfabetização é uma coisa muito séria porque dela costumam resultar imensos males. Males da alfabetização, e não do analfabetismo, como pensam os outros.

A alfabetização intensiva, essa que é feita com o caderno, a cartilha, o lápis sinistro e a tabuada pavorosa, é o primeiro elemento de dispersão do homem que vivia tranqüilo no seu canto, honradamente trabalhando em qualquer coisa modesta mas proveitosa. O homem começa a ler coisas, a ler mau, a ler atravessado, porque a sua alfabetização não permite coisa melhor - e o pobre homem começa a crer em coisas tortas, e desejar coisas tortas, e fazer loucuras pelas coisas tortas assim acreditadas e desejadas. Essa espécie de alfabetização é o embrião de todos os bacharéis que depois vão sofrer desilusões por inadaptação social. É uma fonte de fracassos, de incompreensões, de desordens, porque o mal neófito das letras não quer ser mais da sua gente, nem do seu

lugar, nem do seu ofício, onde, ao contrário, deveria procurar permanecer, melhorando-se e melhorando.

Não há meio de me fazer entender que o mal do Brasil esteja no analfabetismo. Pode ser que esteja na ignorância, isso sim. Na ignorância de princípios de higiene, de noções de trabalho, de coisas práticas, imediatas e imprescindíveis. Mas ignorância e alfabeto, caderno, tabuada e lápis são coisas diferentes. A ignorância desaparece apenas quando a alfabetização é um detalhe da educação. Assim o que há verdadeiramente a considerar é o problema da educação. Quando, naturalmente, se pretende fazer obra de projeção nacional, obra de grande ambição, de finalidade construtiva.

Mas, como entretenimento poético, os cadernos, tabuadas e cartilhas são muito úteis. O lápis é perigoso. A goma e o barbante, recomendáveis e convenientes. Sem esquecer o pacote de balas.

Artigo publicado na coluna Professores e Estudantes, do jornal A Manhã, em 01/11/41.

Cecília Meireles, além de poeta, foi folclorista e professora, tendo assinado várias colunas sobre educação em jornais cariocas dos anos 30 e 40.